

Mobilidade eléctrica e morfologia urbana : inevitável persistência dos padrões?

Helena Amaro

PDA, Perfil C, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto
rua santos pousada, 5, 1.º D, Porto +351 225 103 905 - +351 966 789 251

amaro.helena@gmail.com

Intuímos que a mobilidade eléctrica, enquanto forma de mobilidade espacial, poderá ser indutora de alterações na configuração da rede de transportes, da rede de energia, do espaço público, da relação da urbanização difusa/cidade densa, na mobilidade social e, de forma mais indirecta, na política de preço da energia e da sua forma de produção, ou seja, na política energética nacional.

Olhando para trás, perguntamo-nos se a mobilidade eléctrica levará ou não à alterações de paradigmas de mobilidade, tal como levou o motor de combustão interna; depois, olhando em frente, se irá favorecer ou prejudicar a cidade metropolitana ou se o seu lugar é antes fora dela, se dele resultará um novo paradigma, de articulação entre o transporte individual e colectivo, entre os hiper-móveis e os espacialmente estagnados e socialmente submersos.

São, pois, várias as questões que nos temos colocado a propósito desta mobilidade e vão para além daquelas que (a)parecem afloradas no *Programa para a Mobilidade Eléctrica em Portugal*.

Além da questão ambiental, de alegadamente permitir reduzir (ou deslocar) as emissões de carbono e de melhorar a qualidade do ar, além das questões tecnológica e económica, relativas aos efeitos da procura aumentada de energia eléctrica na rede de produção e de distribuição, no preço da energia e na política energética, e do alegado efeito de diminuição no peso na balança de pagamentos do custo da importação de petróleo e de aproveitamento da energia de fonte renovável produzida e não consumida no período de vazio, interessa-nos também e fundamentalmente perceber se a mobilidade eléctrica será factor de renovação na oferta de transportes individuais e colectivos e factor de integração entre ambos e, portanto, se induzirá um aumento de mobilidade espacial, tanto para quem já a esta tinha franco acesso, como para aqueles que, pela sua situação de desemprego ou de arrumação territorial, de encontram mais afastados de todas as redes.

A partir daqui, interessa-nos aferir se e como a mobilidade eléctrica se repercutirá no dimensionamento e forma do espaço público (circulação, estacionamento ou abastecimento) e se a morfologia urbana predominante *extensiva* ou *difusa* persistirá como tal ou se conhecerá alguma variação e, se sim, em que sentido.

Atendendo ao peso dos custos do transporte no orçamento familiar, os tempos de crise poderão levar ao adiamento desta forma de mobilidade (pelo custo de investimento e pela suspensão dos incentivos governamentais) ou à reafirmação da sua necessidade, apresentando-a como instrumento imprescindível para a manutenção do paradigma existente. No extremo, este custo poderá levar à exclusão do espaço social do emprego, ao dificultar o acesso ao espaço físico onde este se joga, regra geral, sempre fora do próprio espaço habitado; poderá levar à levar migração temporária para as imediações do espaço do emprego, alterando transitoriamente as ocupações territoriais; ou poderá induzir novas formas de deslocação, pela nova oferta de serviços de transportes, já com recurso à mobilidade eléctrica. Como será novo o urbanismo da crise e que morfologias urbanas persistirão?

Palavras-chave: mobilidade eléctrica, morfologia urbana.

Referências:

- Ascher, F. (2008), *Métapolis ou L'avenir des Villes*, Paris: Odile Jacob.
- Ascher, F. (2010), *Novos Princípios do urbanismo, seguido de Novos compromissos urbanos – um léxico*, Lisboa :Livros Horizonte.
- Banister, D., Watson, S., & Wood, C. (1996). *Sustainable cities: transport, energy, and urban form*.
- Bourdin, A. (2010). *O urbanismo depois da crise*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Breheny, *Energy Use, Transport And Settlement Patterns*, (Pp 160-181),. London: Pion.
- Domingues, A. (1994-95). *(Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou da mistificação dos conceitos?* In V. AA, *Revista da Faculdade de Letras - Geografia, I - Série, Volume X/XI* (pp. 5-18). Porto: Flup.
- Lobo, M. C. (2006). *A Cidade*. In A. Ana Tostões, & P. Magalhães, *Encontro de Saberes : Três Gerações de Bolseiros da Gulbenkian* (Pp. 111-125). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ponte da Silva, Graça (2008), *Forma Urbana e Sustentabilidade - Algumas notas sobre o modelo de cidade compacta*, Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais, volume 15 – Lisboa, http://www.dpp.pt/pages/files/Forma_Urbana.pdf.